

A VOZ DO PASSADO OU DE COMO OS TEXTOS ANTIGOS FALAM

César Nardelli Cambraia

Intrusão

O passado não reconhece o seu
lugar: está sempre presente...

Mário Quintana (*Caderno H*)

Resumo

O objetivo deste trabalho é demonstrar como é possível extrair informações sobre a língua de determinada época através de análise de um texto escrito (fonte principal, senão única, para a coleta de dados de fases mais recuadas no tempo) ou, em outras palavras, como pode-se fazer com que um texto antigo "fale".

Abstract

The aim of this paper is to demonstrate how it is possible to extract information about the language of a certain period through the analysis of a written text (main source, if not the only one, to gather data of remote periods of a language) or, in other words, how it is possible to make an old text "speak".

1. Introdução

“A Lingüística Histórica”, como assinala BYNON (1993, p. 01), “procura investigar e descrever a maneira pela qual as línguas mudam ou mantêm sua estrutura no curso do tempo”¹. Uma das formas de se identificar a mudança lingüística é através do confronto de amostras de diferentes estágios da língua em estudo. A obtenção das amostras, no entanto, não se dá da mesma maneira em se tratando de diferentes estágios da história de uma língua. No caso do português do século XX, por exemplo, podem-se obter amostras da língua através de vários tipos de fontes (escritas ou orais): livros, jornais, programas de televisão, entrevistas, entre outros. Já no caso de fases mais recuadas no tempo, como o português do século XV, a fonte principal é o texto escrito.

É exatamente por causa disso que um diacronista necessita adquirir uma habilidade especial: a habilidade de, segundo as palavras de AITCHISON (1991, p. 19), “fazer com que os textos antigos falem”².

Neste trabalho, pretende-se demonstrar como é possível extrair várias informações através de um exame minucioso de um texto antigo, ou seja, como se pode fazer com que o texto antigo “fale”. A demonstração será feita através da análise (leitura e comentário filológico) do excerto de um texto do século XV.

2. Leitura e comentário filológico da narrativa de um episódio protagonizado por D. Afonso I, rei de Portugal.³

2.1. Preliminares

A análise que será feita aqui consiste essencialmente de três partes:

a) inicialmente, será feita, de maneira bastante sucinta, a contextualização do excerto quanto ao seu conteúdo (localização do episódio na história de Portugal) e quanto à sua forma (localização da prosa narrativa na historiografia medieval portuguesa);

b) em seguida, será apresentado o excerto propriamente dito (a edição adotada foi a estabelecida por Alexandre Herculano);

c) por fim, serão apontados alguns fatos lingüísticos

interessantes que o excerto revela a respeito do português do século XV (trata-se de fatos relacionados a vários aspectos da língua, a saber, o vocabulário, a ortografia, a fonética/fonologia, a morfologia, a sintaxe, o uso (pragmática) e o estilo).

2.2. Contextualização do excerto

2.2.1. Quanto ao conteúdo

Em princípios do século XI d.C., intensificaram-se, na Península Ibérica, as batalhas através das quais os cristãos pretendiam expulsar os árabes (mourous), que haviam invadido a Península por volta do início do século VIII d.C. e lá permaneceriam até fins do século XV, quando seriam definitivamente expulsos.

Como reconhecimento pelos serviços prestados durante esse movimento de reconquista dos territórios ocupados pelos mourous, D. Afonso VI, rei de Leão e Castela, concedeu ao conde D. Henrique de Borgonha a mão de sua filha bastarda, D. Tareja, em casamento. Ao conde foi concedido também um feudo: o Condado Portucalense.

Após a morte de D. Henrique de Borgonha, assumiu o poder sua esposa, D. Tareja. No entanto, as estreitas relações entre a viúva e o conde galego Fernão de Trava geraram um grande descontentamento. Por isso Afonso Henriques, filho de D. Tareja e de D. Henrique, passou a travar batalha com sua mãe, a fim de tomar o poder, o que finalmente conseguiu na Batalha de São Mamede (1128). Foi, no entanto, somente a partir da vitória sobre os mourous, na chamada Batalha de Ourique (1139), que passou a intitular-se D. Afonso I, rei de Portugal.

A narrativa que será analisada neste trabalho retrata um episódio que teria ocorrido após a vitória de D. Afonso I sobre sua mãe: tendo-a vencido, D. Afonso prendeu sua mãe a ferros, causando a indignação do papa. Este, através de seus emissários, solicitou a D. Afonso a libertação de D. Tareja. Uma vez que o rei de Portugal não atendeu ao pedido, suas terras foram excomungadas, iniciando-se, assim, as hostilidades entre o rei e a Santa Sé. LAPA (1960, p. 59) intitula esse episódio de "D. Afonso I e o cardial de Roma" (*sic*).

2.2.2. Quanto à forma

As principais manifestações em prosa narrativa nos primórdios da historiografia medieval portuguesa (em torno do século XIV) eram os *livros de linhagem* e as *crônicas*.

Os livros de linhagem (também chamados de nobiliários) eram registros contendo listas de nomes de membros de famílias nobres (ou seja, tratava-se da árvore genealógica de fidalgos). Essas obras permitiam a determinação das ligações e dos graus de parentesco entre os familiares, sendo especialmente esclarecedoras em caso de heranças e de alianças matrimoniais (de acordo com o direito canônico, não poderia haver casamento entre parentes de até 7º grau).

As crônicas (ou crônicas) eram relatos de cunho histórico, que, assim como os nobiliários, foram escritas em uma linguagem muito próxima da língua falada, o que lhes confere grande valor filológico.

O excerto (constituído de dois parágrafos) que se analisará a seguir foi extraído do texto *Chronicas Breves e Memorias Avulsas de Santa Cruz de Coimbra*, que contém notícias de anais existentes no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, tradições épicas relativas a D. Afonso Henriques (ou D. Afonso I) e relatos alusivos a seus sucessores. As *Chronicas* estão incluídas na obra *Portugalliae Monumenta Historica*, editada por Alexandre Herculano em 1876.

2.3. O excerto⁴

“Como o bispo de coimbra trouxe recado a elrey dom affonso que soltasse sua madre.

Ao papa foy dicto como elrey dom affonso de portugal tiinha sua madre presa, e que a nom queria soltar; e
5 elle lhe mandou dizer pello bispo de coimbra que soltasse sua madre, e que se nom quisesse fazer que o escumugaua. E elRey disse que a nom soltaria por nenhuum homem nem ainda por o papa. E o bispo escumungoulhe a terra e fugio de noute. E logo em
10 outro dia disserom a elRey como lhe o bispo escumungara a terra e se fora. E elRey foisse logo a see e chamou todos os conigos na crasta e dise lhes

- que dessem dantre sy hum bispo. E elles disserom que o nom fariam qua tynham bispo. E elRey lhes disse
- 15 que aquelle que elles diziam que nunca jamais em todos seus dias seria bispo. E el ueendo que nom queriam fazer o que lhes el mandaua degradou os todos de sua terra. E em saindo elRey da crasta uyo uiir hum crerigo que era muy negro de sua collor, e
- 20 disse lhe como auya nome; e o crerigo lhe respondeo que auia nome martinho. ElRey porque o uyo assy negro perguntoulhe por o nome de seu padre, e el lhe disse que auia nome çoleima. E elRey lhe perguntou se era boo crerigo ou se sabia bem ho officio da igreja.
- 25 E el lhe disse: Senhor, nom ha na espanha dous que o melhor saibam que eu. E elRey lhe disse entom: tu seras bispo dom çolleima, e guisa te logo como me digas missa. Respondeo o crerigo: nom soom ainda hordenado de missa como bispo que uolla possa dizer.
- 30 E elRey lhe disse: eu te hordeno como me digas missa senom cortartey a cabeça com esta espada. E o crerigo com medo vistiosse com as uestiduras e fezelho o officio. E este feito foy sabudo em Roma, e cuidarom que era erege. E o papa mandou a el hum
- 35 cardeal que lhe mostrasse a fe.

Como chegou o cardeal a coynbra escomungou elRey dom affonso e toda sua terra.

- O cardeal partiosse de Roma e ueo em espanha, e os Reis per onde el uiinha honrauamno muito. E foy dicto
- 40 a elRey dom affonso: Senhor, ex aquy uem hum cardeal que uem a uos de roma porque sodes miserado com o papa por este bispo que fezestes. E elRei disse: ainda me nom arrepeendo. E disserom lhe: sabede Senhor, que todos os Reis per hu el uem
- 45 prouam de lhe beijar a mão. E elRey disse: certo nom sera tam honrado cardeal em Roma que a coimbra uesse que me tendesse a mão pera lha beijar que lha não cortasse, e desto se nom poderia el falecer. E quando o cardeal chegou a coimbra soube que elRey
- 50 disera e ouue muy grande medo. E elRey nom o quiz hir arreceber. E elle logo que chegou aa cidade foisse

a alcaçoua honde ElRey pousaua e el recebeo muy bem e disselhe: cardeal, que ueestes aqui fazer de roma, qua de roma nunca me ueo senom mal? E qual
55 riqueza me trazedes de roma pera estas idas que faço a meude contra os mouros? dom cardeal, se me trazedes que me dedes, senom hide uos uossa uia. E o cardeal disse: Senhor, eu soom uyndo aquy por uos mostrar a fe de Jeshu christo; e elRey lhe disse: certo
60 cardeal tam boos liuros auemos nos aqui como uos em Roma, e tam bem sabemos como o filho de deus descendeo do ceo e encarnou na uirgem santa maria per obra do spiritu santo e procedeo della sem curruçom, e como morreo em a santa uera cruz por
65 remiir os pecadores, e como resurgio e como ascendeo ao ceo e see aa destra do padre donde hade uiir iulgar os uiuos e os mortos, e tambem creemos a santa trindade seer padre e filho e spiritu santo tres pessoas em huma diuinal essencia, como
70 uos os romanos, e nom queremos outra cousa de Roma. E depois que lhe disse todas estas cousas mandoulhe dar pousadas e todo o que lhe era mester. E o cardeal logo que foy na pousada mandou poer ceuada e mandou por todos os clerigos da uilla e ao
75 cantar dos gallos escumungou toda a uilla e foisse de guisa que quando foy luz tiinha elle ja andadas duas legoas. E elRey depois que se leuantou disse aos caualleiros uaamos ueer o cardeal, e elles lhe disserom: Senhor, hido he ia e escumungouuos e toda
80 uossa terra. E quando esto ouuio elRey mandou que lhe dessem o cauallo e caualgou e todos seus ricos homeens em pos el e muita outra cauallaria. Mais elRey como era homem muy brauo e de grande coraçom nom quis esperar nenhuum, e foy o acalçar
85 em hum lugar que chamam uimieira. E como chegou a el trauoulhe pelo cabeçom e tirou a espada e quiseralhe cortar a cabeça, mais quatro caualleiros que chegarom com el lhe diserom: senhor, por deus e por mercee nom matedes o cardeal, ca diram em roma
90 que sodes herege. E elRei lhe disse: certas uos lhe dades a cabeça. E o cardeal quando se uio em tal medo disse a ElRey: Senhor, nom me matedes, ca eu

farey qual preyto uos quiserdes. E elRey lhe disse:
pois quero que portugal nom seja escumungado em
95 todos meus dias, e que nom leuedes daquy ouro nem
prata nem bestas senom tres, e esto quero de uos em
seruiço. E disy quero que me mandedes de roma huma
carta que nunca portugal nem eu seiamos
escumungados em todos meus dias, qua eu o gaanhey
100 com esta minha espada. E pera esto quero que
leixedes aqui este uosso sobrinho em penhor ataa que
me mandedes a carta. E se ataa quatro mezes me
nom mandades a carta eu cortarey a cabeça a uosso
sobrinho. E o cardeal outorgou todo o que elRey quis,
105 e dis i foisse sua uya. E ante que os quatro meses
fossem conpridos lhe ueo a carta: des ally en diante
fez elRey en toda sua terra arcebispos e bispos e
beneficiados quaes elle quis. E depois que elRey e o
cardeal ouuerom todo seu preyto firmado, e ao tempo
110 que lhe auia de mandar a carta, como ia ouuistes,
desuystiosse elRey de todas suas uistiduras e disse:
quero uos mostrar dom cardeal como eu soom erege.
E entom lhe mostrou todas as feridas que ouuera em
seu corpo dizendo e assignando quantas e quaees
115 feridas ouuera em as batalhas, e quaees em as
conbater, e quaees em as entradas das uillas que
tomara aos mouros: e pera esto leuar adiante, disse
elRey, uos tomo este auer, porque soom muy proue e
hey o mester pera mym e pera meus fidalgos.”
(HERCULANO (1876, p. 27-28))

2.4. Aspectos lingüísticos do excerto

É necessário salientar que não será feita aqui uma análise exaustiva do excerto, mas sim uma exposição dos aspectos que parecem ser mais interessantes. Os números que aparecerem entre parênteses após os exemplos referem-se à(s) linha(s) do excerto.

2.4.1. Vocabulário

No que se refere ao vocabulário, parece pertinente explicitar o significado de algumas palavras que não seriam facilmente

entendidas por leitores do século XX (o significados das palavras abaixo foi estabelecido essencialmente a partir de consulta a Lapa (1960) e Michaëlis (s/d)):

- a) **crasta** (13): claustro.
- b) **qua** (14)/**ca** (89): pois.
- c) **crerigo** (20): padre.
- d) **collor** (20): cor. Segundo LAPA (1960, p.60), trata-se de "uma forma literária, o termo verdadeiramente popular era *coor* (< *colore*)".
- e) **guisa te** (27): prepara-te.
- f) **sodes miserado com** (41-42): estáis em discórdia com.
- g) **prouam** (45): procuravam.
- h) **tendesse** (47): estendesse.
- i) **alçaçoua** (52): castelo/fortaleza.
- j) **pousava** (52): morava.
- l) **hide uos uossa uia** (57): ide embora.
- m) **see a deestra** (66): está (sentado) à direita.
- n) **era mester** (72)/ **hey o mester** (119): era necessário/necessito dele.
- o) **poer ceuada** (73-74): pôr cevada. LAPA (1960, p. 63) dá a seguinte explicação para essa expressão: "[o cardeal] mandou pôr cevada às caval-gaduras, para estarem prontas para a fuga que meditava".
- p) **de grande coração** (83-84): corajoso.
- q) **acalçar** (84): alcançar.
- r) **ataa** (101): até.
- s) **disy** (97)/**dis i** (105): depois. De acordo com HAUY (1989, p. 73), "Juntando-se *des* ao advérbio [de lugar] *i*, formou-se a expressão muito empregada no período arcaico, *desi* ou *des i*, com o sentido de *depois*".
- t) **proue** (118): pobre. Segundo LAPA (1960, p. 65), trata-se de uma "forma ainda popular, devida à metátese".

2.4.2. Ortografia/fonética/fonologia

Segundo COUTINHO (1970, p. 71), a história da ortografia da língua portuguesa divide-se em três períodos: o fonético (dos primeiros textos escritos em português até o século XVI), o pseudo-etimológico (do século XVI ao ano de 1904) e o simplificado (de 1904 em diante).

Por ter sido redigido por volta do século XV, este excerto

sobre D. Afonso I situa-se no primeiro período: o fonético, período em que havia a preocupação de que a palavra escrita representasse, com grande fidelidade, a palavra falada: "escrevia-se não para a vista, mas para o ouvido" (COUTINHO (1970, p. 72)).

É exatamente por causa disso que a ortografia do excerto em análise aqui (assim como a dos textos medievais) deixa transparecer uma série de pistas para a compreensão da fonética-fonologia do português arcaico.

Assim, o fato de a ortografia da época representar com mais fidelidade a palavra falada significa que uma palavra como *milhor* (26) provavelmente fosse pronunciada com um [i] na primeira sílaba, diferentemente da ortografia do português contemporâneo, que prescreve a forma *melhor*, apesar de o *e*, neste caso, estar representando normalmente o som [i].

Além disso, o excerto permite que se constate uma outra característica marcante na ortografia dos textos dessa época: a existência de muitas oscilações na grafia das palavras.

A oscilação no uso de dois grafemas sugere, a princípio, duas hipóteses: (i) os grafemas envolvidos representavam o mesmo som (ou seja, ainda não estava claramente estabelecido qual era o grafema que representaria aquele som); e (ii) os grafemas representavam dois sons diferentes que estavam em variação (e, por isso, variavam também na escrita). Consultando-se o excerto é possível perceber a oscilação entre os grafemas:

- e e l (*uestiduras* (32) x *uistiduras* (111));
- o e u (*escomungou* (36) x *escumungou* (75));
- n e m (*coimbra* (47) x *coimbra* (49));
- i e y (*auia* (21) x *auya* (20));
- s e o dígrafo *ss* (*dise* (12) x *disse* (7)); e
- c e o dígrafo *qu* (*ca* (89) x *qua* (54)).

A oscilação não se dava apenas entre a utilização de um grafema por outro, mas também entre a presença do grafema e sua ausência (cf. *onde* (39) x *honde* (52)).

O excerto, no entanto, não é feito só de oscilações; revela também certas regularidades, como, por exemplo, o caso das terminações verbais da 3ª pessoa do plural. Diferentemente do português contemporâneo, havia duas formas distintas, cada uma com sua distribuição específica: *am* [ã] - para o presente do indicativo (*prouam* (45)), imperfeito do indicativo (*diziam* (15)), futuro do pretérito do indicativo (*farlam* (14)) e presente do

subjuntivo (**saibam** (27)) - e **om** [õ] - para o pretérito perfeito (**disserom** (10)). Essas duas terminações viriam a convergir, em fase posterior, para **-ão** (ditongo nasalizado).

2.4.3. Morfologia

No que se refere à morfologia do português quatrocentista, pode-se constatar a existência de um sufixo de participio passado para cada uma das três conjugações: **-ado** para os verbos de tema em **a** (**hordenado** (29)), **-udo** para os de tema em **e** (**sabudo** (33)) e **-ido** para os de tema em **i** (**conpridos** (106)).

Ainda em relação aos verbos, nota-se que havia a forma de pretérito perfeito composto formado pelo verbo **ser** + participio passado: **soom uyndo** (58) (=vim) / **hido he** (79) (=foi). Segundo MATTOS E SILVA (1993, p. 62) "com um subconjunto de verbos classificados como intransitivos, ocorriam no período arcaico e até, pelo menos, no século XVI, seqüências constituídas de **ser** + **PP**, para a expressão de "ato consumado" (...), ou seja, do aspecto concluído ou perfectivo."

Além disso, o excerto deixa transparecer também que os advérbios de lugar **hu** (45) e **onde** (39) deveriam estar em variação, pois parecem ocorrer no mesmo contexto sintático com o mesmo valor semântico: "E disserom lhe: sabede Senhor, que todos os Reis **per hu** el uem prouam de lhe beijar a mão." (44-45) / "O cardeal partiosse de Roma e ueo em espanha, e os Reis **per onde** el uiinha honrauamno muito." (36). Para estudo mais detalhado dessa variação, consulte-se BONFIM (1993).

2.4.4. Sintaxe

Do ponto de vista sintático, é saliente o fato de que o adjetivo aparece predominantemente anteposto ao nome no SN: há dez casos de anteposição (**boo crerigo** (24), **honrado cardeal** (46), **grande medo** (50), **boos liuros** (60), **uirgem santa maria** (62), **santa uera cruz** (64), **santa trindade** (68), **diuinal essencia** (69), **ricos homeens** (81-82) e **grande coração** (83-84)) contra três de posposição (**spiritu santo** (63), **spiritu santo** (68-69) e **homem muy bravo** (83)). Uma análise diacrônica mais aprofundada sobre a sintaxe de colocação do adjetivo no português encontra-se em COHEN (1990).

Outro aspecto digno de menção é o fato de que se efetuava,

no português do século XV, a concordância entre o participio passado e o objeto direto em estruturas com os verbos **ter** e **haver**, que ainda tinham valor nocional de posse. Em "(...) elRey e o cardeal **ouueram todo seu preyto firmado (...)**" (109) e "(...) **tiinha elle já andadas duas legoas.**" (76-77), o participio concorda em número e em gênero com o objeto direto (**firmado todo seu preyto/ andadas duas legoas**) - nessas estruturas os participios passados seriam ainda predicativos do objeto. Essa questão foi examinada com mais atenção em COHEN (1988) e MATTOS E SILVA (1992,1993).

Quanto aos pronomes oblíquos átonos, nota-se (i) que eles podiam ocorrer junto a conjunções, ficando inclusive antes mesmo do sujeito da oração "(...) nom queriam fazer o que **lhes** el mandaua (...)" (17); e (ii) que ocorria a contração entre os pronomes oblíquos átonos na função de objeto direto e de indireto: **uolla** (29) (vos + (l)a) e **lha** (47) (lhe + a).

No excerto, a contração entre a preposição **em** e o artigo definido não é categórica no singular - **em a santa uera cruz** (64) x **na espanha** (25) - e não aparece no plural - **em as batalhas** (115).

No que se refere à preposição (ou conjunção?) **em**, constata-se que podia introduzir uma oração adverbial reduzida de gerúndio: "E **em** saindo elRey da crasta vyo uuir huum crerigo (...)" (18).

2.4.5. Pragmática

Do ponto de vista da pragmática, é interessante notar a existência do voseamento (uso do pronome de 2ª pessoa do plural) para o tratamento deferente - algo que não existia no latim. No texto, o rei é tratado por **vós** pelo clérigo Çoleima ("(...) nom soom ainda hordenado de missa como bispo que **uolla** possa dizer" (29)), pelo cardeal de Roma ("(...) eu soom uyndo aquy por **uos** mostrar a fe de Jeshu christo (...)" (58-59)) e por seus cavaleiros ("Senhor, hido he [o cardeal] ia e escumungouuos e toda uossa terra." (79-80)). O rei, no entanto, trata o clérigo Çoleima por **tu** - questão de hierarquia, talvez - ("**tu** seras bispo dom çolleima (...)" (26-27)), mas trata o cardeal por **vós** - provável sinal do poder da Igreja na época ((...) e esto quero de **uos** em seruiço" (96-97)).

Outro aspecto interessante é o uso da forma **vós** pelo autor do texto ao se dirigir ao(s) leitor(es): "(...) como ia **ouuistes** (...)" (110).

2.4.6. Estilo

Uma característica marcante deste excerto é a presença de traços que vinculam o texto a um estilo bastante próximo da oralidade. Trata-se da existência de períodos curtos e do uso constante de discurso direto (diálogos, falas), como na seguinte passagem:

“E el lhe disse: Senhor, nom ha na espanha dous que o melhor saibam que eu. E elRey lhe disse entom: tu seras bispo dom çolleima, e guisa te logo como me digas missa. Respondeo o crerigo: nom soom ainda hordenado de missa como bispo que uolla possa dizer.” (25-29)

Um outro traço que parece vincular o texto à oralidade é o fato de o autor se dirigir ao leitor/ouvinte. Em vez de a expressão **suso dito** (“dito acima”) ou similar, que tanto aparece em textos da mesma época, o autor utiliza uma forma bastante direta, como se estivesse simplesmente falando com um (ou mais) ouvinte(s): (...) e ao tempo que lhe auia de mandar a carta, **como ia ouuistes**, desuystiosse elRey de todas suas uistiduras e disse: (...)” (110-111).

Esses traços de oralidade parecem, alíás, ser reflexo da fonte da qual provavelmente foram colhidas as narrativas: de uma tradição épica oral popular.

Há, ainda, um outro aspecto bastante interessante: o realismo na descrição das cenas - para exemplo, basta que se atente à cena com que o excerto termina (linhas 113 a 119). Segundo LAPA (1960, p. 59), “a cena final, em que o rei se despe em frente do cardial e lhe mostra as feridas que houvera na luta contra os mouros, é do mais sublime que conhece a literatura portuguesa.”

O tema do excerto analisado aqui encantou também o próprio Alexandre Herculano (seu editor), que elaborou um conto inspirado no episódio descrito no excerto: trata-se do conto intitulado “O bispo negro” (cf. HERCULANO (1987)).

3. Considerações finais

Apesar de terem sido expostos aqui apenas alguns fatos da língua portuguesa do século XV, o excerto analisado permite que

muito mais seja dito. Entretanto, o objetivo deste trabalho não era o de esgotar todas as informações que o texto poderia fornecer, e sim o de demonstrar que uma leitura cuidadosa de um texto escrito antigo permite que se extraia muitos dados sobre a língua na qual foi redigido.

Embora a análise da mudança lingüística no tempo real emergja do contraste entre as amostras de diferentes fases da história de determinada língua, pistas sobre a existência de uma possível mudança em curso são observáveis através da constatação de variação em uma mesma amostra (lembrando-se sempre que "nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança lingüística, no entanto, pressupõe variação" (TARALLO (1986, p. 63)). No excerto analisado aqui foi possível perceber a variação entre os ítems **hu** e **onde** (cf. seção 2.4.3) - o que assinala que talvez estivessem envolvidos em um processo de mudança. E este era exatamente o caso, pois a análise diacrônica em BONFIM (1993) confirma que esses ítems participavam de um processo de mudança em curso no século XV, que desembocaria no desaparecimento da forma **hu**.

Isto posto, interrompe-se aqui o diálogo entre passado e presente; entretanto, não termina porque esse diálogo não tem fim. A voz do passado continuará a ressoar sempre, e a escutarão todos aqueles que aprenderem a ouvir o que os textos falam.

NOTAS

¹ No original: "Historical linguistics seeks to investigate and describe the way in which languages change or maintain their structure during the course of time".

² No original: "(...) making old documents 'speak' (...)".

³ A versão inicial deste comentário filológico foi apresentada na disciplina "Tópicos de filologia românica: Textos arcaicos", ministrada no 2º semestre de 1992, pela Profª. Vanda Bittencourt.

⁴ Gostaria de agradecer à Profª Maria Antonieta Cohen por ter possibilitado o acesso à edição dos *Portugaliae Monumenta Historica* elaborada por Alexandre Herculano.

Bibliografia consultada

AITCHISON, Jean. *Language change: progress or decay?* 2. ed. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 1991.

BITTENCOURT, V. de O. Leitura e comentário filológico de um poema auto-satírico de D. Afonso X, o Sábio. *Estudos românicos*, Belo Horizonte, n. 1, p. 9-34, dez. 1981.

BONFIM, Eneida do Rêgo Monteiro. Variação e mudança no português arcaico: o caso de *u* e de *onde*. *Palavra*, Rio de Janeiro, n.1, p. 96-119, 1993.

BYNON, Theodora. *Historical linguistics*. 7. reimpr. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 1993.

COHEN, M.A.A. de M. Gramaticalização e reanálise no sintagma nominal. *Anais do 1º encontro de estudos românicos*, Belo Horizonte, p. 85-92, out. 1988.

_____. *Syntatic change in portuguese: relative clauses and the position of the adjective in the noun phrase*. Campinas: Unicamp, 1990. Tese de doutorado inédita.

COUTINHO, I. de L. *Pontos de gramática histórica*. 6. ed. 3. reimpr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.

CRUZ, J. M. da. *Português prático*. 18. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1947.

FARIA, E. *Dicionário escolar latino-português*. 6. ed. 5. tir. Rio de Janeiro: FAE, 1992.

HAUY, A. B. *História da língua portuguesa*; I. Séculos XII, XIII e XIV. São Paulo: Ática, 1989.

HERCULANO, Alexandre. (Ed.) *Portugaliae momumenta historica*. [s.l.]: [s.n.], 1876. Vol. I - Scriptoros.

_____. O bispo negro. In: SILVA, F. C. da. (Org.) *Os melhores contos de Alexandre Herculano*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

LAPA, R. *Crestomatia arcaica*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1960.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia*. São Paulo/Bahia: Contexto/Editora Universidade Federal da Bahia, 1991.

_____. Caminhos de mudanças sintático-semânticas no português arcaico. *Revista de estudos da linguagem*. Belo Horizonte, ano 1, n. 1, p. 79-84, jul./dez., 1992.

_____. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1993.

MICHAËLIS, C. *Lições de filologia portuguesa*. [s.l.]: Martins Fontes, s/d.

MOISÉS, M. *A literatura portuguesa*. 11. ed. São Paulo: Ática, 1973.

PAIVA, D. de F. *História da língua portuguesa*; II. Século XV e meados do século XVI. São Paulo: Ática, 1988.

SARAIVA, A. J. & LOPES, O. *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora, s/d.

SÉGUIER, J. de. *Dicionário prático ilustrado*. Porto: Chardron, 1935.

SILVEIRA, S. da. *Lições de português*. 8. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1972.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa socio-lingüística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. 3. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1987.

WILLIAMS, E.B. *Do latim ao português; fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.